

Bloom

Todos os direitos reservados à Rebecca Romero

Copyright © 2017

Proibido a reprodução e distribuição

Capa: Elka Romero (erartstudio.com)

SINOPSE

Cléo Melgaço decide arriscar tudo e deixar o Brasil para morar na Holanda, em busca de uma vida melhor. Com sua carreira de fotógrafa freelancer, ela sonha em conquistar sua independência e capturar o mundo ao seu redor de maneira livre.

Daley van der Knoville, por outro lado, perdeu as ambições após a trágica morte de seus amigos em um acidente. Trabalhando em uma floricultura, ele não imaginava que a chegada de Cléo traria um novo sentido à sua vida. Encantado pela paixão dela, Daley se vê atraído por suas aventuras e disposto a fazer de tudo para satisfazê-la.

Clique [aqui](#) para conhecer a pasta de *Bloom* no Pinterest.

História não recomendada para menores de 18 anos. Contém cenas explícitas de sexo, menções a gravidez e aborto, e gatilhos como luto e abandono.

CAPÍTULO 1

Fiquei sabendo que o clima de Amsterdã vive mudando. Como em Fortaleza, que uma hora está com sol, outra está chovendo, ou os dois ao mesmo tempo. É engraçado. É um tanto irritante, pois você nunca sabe se precisa ou não levar guarda-chuva ou se pode pôr um vestido e de repente um vento mega forte vem e mostra suas partes íntimas. Mas, diferente de Fortaleza—minha cidade natal—, chove *muito* em Amsterdã.

Me viro na calçada e o movimento me faz bater numa flor branca de um jarro no chão. Em dois segundos, um cara de jaqueta de couro marrom claro aparece na porta preta de vidro da floricultura e resmunga algo em holandês.

“Desculpe,” falo em inglês.

O cara passa uma mão nos seus cabelos loiros compridos. “Uma estadunidense.”

“Brasileira, na verdade,” ponho uma mecha do meu cabelo castanho escuro atrás da orelha.

“Cuidado com as flores, florzinha. Minha avó ama elas.”

Me irrita. “Oookay, não te dei permissão pra me chamar de ‘florzinha’, *anjinho*.”

Seus olhos azuis esverdeados agora estão sorrindo, como também o canto de sua boca grossa mais triangular que a minha.

“Perdão.” O timbre de sua voz me pega mais desprevenida do que seu pedido de desculpa, porém não demonstro ambos.

“Então...” tento puxar conversa para mudar o clima entre nós dois logo. “Sua avó é dona da floricultura?”

“Sim,” ele responde, pondo suas mãos nos bolsos de sua calça jeans escura. “E minha mãe é a gerente e eu ajudo no que eu posso. Posso ajudá-la em alguma coisa?”

“Até que pode sim. Me recomende um lugar para visitar. Sou turista, sabe?”

“Por quanto tempo?”

“Pra sempre,” respondo enquanto fecho meu guarda-chuva molhado, “se eu continuar encontrando trabalhos.”

Ele franze suas sobrelhas cheias. “Trabalhos? Não deseja um emprego fixo?”

É sempre assim: todo mundo estranha minha decisão de carreira.

“Não me dou muito bem sob pressão,” começo a explicar. “Sou fotógrafa *freelancer*.”

“Ah. Legal.” Seu pequeno sorriso parece genuíno. “Bem, sendo assim: bem-vinda à Holanda. Quer uma flor?”

Eu rio com a recepção.

“Pensando melhor... Meu pequeno apartamento precisa de algo belo.”

CAPÍTULO 2

O tal cara, que descobri se chamar Daley van der Knoville, me apresentou vasos de flores para pôr em cima de uma cômoda. Escolhi um vaso branco com flores azuis escuras, e ponho em cima da minha cômoda de madeira clara de duas gavetas. Olho para a janela pra conferir se as flores terão sol o suficiente para banhá-las. Tudo certo, afinal, residências em Amsterdã possuem muitos janelões.

Retiro meu casaco de frio, e após deixá-lo em cima do meu sofá branco de veludo (obrigada mais uma vez pelo presente, mãe!), acendo a lareira.

Falando na minha mãe, ela ficou preocupada com minha decisão de tentar viver em outro país sem um “emprego fixo” e sem diploma de faculdade, mas ainda assim me ajudou com a mudança. Ela acredita em mim e acredita que podemos ter uma vida melhor quando decidimos nos arriscar; ela só ficou com aquele medo de mãe. Meu pai, infelizmente, não possui a mesma confiança. Minha madrastra me disse que iria ‘rezar’ por mim, para que desse tudo certo. Minha irmã—que tem 10 anos—disse que iria ficar com saudade. E minha melhor amiga, me presenteou encontrando esse pequeno apartamento por um preço que eu tinha que aproveitar, entre outras coisas. Torço pelo dia em que ela possa se mudar pra cá comigo.

Estava brincando com Daley quando disse que sou turista. Faz um mês que estou morando na Holanda. Meu blog e meu Instagram vêm me ajudando a arranjar clientes. Desde que cheguei aqui, já consegui *dois*. No Brasil, era mais difícil seguir minha carreira de fotógrafa. Mas aqui, mesmo sendo difícil porque é outro país, tenho mais chances de fazer o que eu quero.

E o que eu quero no momento é retornar àquela floricultura.

CAPÍTULO 3

Foda-se que eu havia acendido a lareira e que depois apaguei. Tem outra coisa acessa dentro de mim. Que sorte que a floricultura da avó do Daley fica há poucas ruas do meu apartamento. E que sorte a chuva parou.

Chego na porta em alguns minutos e, através do vidro, avisto Daley atendendo um homem que está analisando um buquê de flores para alguém querido.

Assisto o rapaz loiro com intenções passando pela minha cabeça. Parece que ele está explicando ao cliente sobre as flores. Admiro como Daley entende o trabalho de sua avó. Me excita. Me excita também como ele não aparenta trabalhar em uma floricultura, mas que aqui está ele.

Enfim Daley me avista. Ele me oferece um rápido sorriso antes de retornar sua atenção ao cliente. Espero pacientemente o atendimento acabar. Me afasto quando o homem—agora segurando um buquê de flores—sai da loja.

Daley ajeita só uma coisa no balcão e então finalmente vem ao meu encontro.

“Me lembrei que você não me recomendou um lugar para ir.” Espero que ele entenda que estou lhe convidando para sair.

“Está me convidando para ir com você?” Daley está com um sorrisinho provocador.

Já havia reparado o quão fisicamente atraente ele é. Ele tem um jeito de badboy, mas deve ser só o jeito, espero.

“Estou sim,” confirmo, sem vergonha alguma. Por que ter? “Aceita ou não?”

“Gosta de moto?”

Mais vibe de badboy. “Já andei algumas vezes com meu tio e adorava.” Era muito divertido passear pelo interior do Ceará de moto, ainda mais com o tio que mais me fazia rir.

“Irei avisar a minha mãe que estou de saída. Alguém precisa ficar na loja.” E ele entra na loja.

Em menos de um minuto, Daley volta. “Minha moto está lá atrás.”

Sigo-o e entramos num beco espaçoso e limpo, onde avisto uma moto Harley preta com detalhes da cor da jaqueta do dono. Moto estilosa da porra.

Daley me entrega um capacete sem falar nada, sobe na moto, e manda, “Sobe.”

Imagino ele me dizendo isso para cavalgar no seu pau. Subo em sua moto, desejando fodê-lo em cima dela.

“Confortável?” ele me verifica.

Não, porque minha calcinha está quase molhada em antecipação. “Muito.” Não é mentira.

“Me agarra,” ele avisa.

Já estava com meus braços à sua volta, agora estou lhe agarrando como ele quis.

“Confortável?” provoco.

Ele vira o rosto para frente, mas ainda consigo vislumbrar seu sorriso por trás do capacete. Pergunto-me quantos anos ele tem. Talvez 24 ou 25, um ou dois anos mais velho que eu.

Damos partida.

Quando me imaginava em Amsterdã, andar de moto não aparecia nos meus planos. Agora, mudei de ideia. Desejo andar de moto todos os dias por esta linda, liiinda cidade. Sentir o clima dela nos meus cabelos voando, passar pelas moradias geminadas, seguir o rio Amstel, apreciar as árvores... Não paro de sorrir. Gostaria de estar tirando fotos.

Involuntariamente, aperto mais meus braços em volta da cintura de Daley e encosto meu capacete nas suas costas, pois estou me sentindo segura e tão viva. Uma aventura com um desconhecido.

Daley estaciona sua moto na praça Leidseplein, o coração pulsante de Amsterdã, onde fica a maioria dos bares e boates da cidade, além de diversos cafés e restaurantes. Desço da moto e minha saia godê cai sobre meus joelhos.

“O que você quer fazer?” Daley me pergunta após descer da moto e tirar seu capacete. Seus cabelos parecem tão sedosos.

“Subir na moto novamente e deixar você me guiar mais uma vez.”

Seus olhos são tão azuis esverdeados, que me lembram o mar, como também me confundem se são completamente azuis ou se são completamente verdes. “Seu apartamento ou o meu?”

Não importa a cor dos olhos dele; irão ficar escuros de tesão. “Tanto faz. Ainda quero te usar muito hoje.”